

# NOVOS ALQUIMISTAS

ADÉLIA BORGES

**ADÉLIA BORGES** Jornalista e curadora independente na área de design. Tem vários livros publicados. É também professora de história do design na Faap, em São Paulo.

## OS NOVOS ALQUIMISTAS

*Adélia Borges*

Gravetos e cascas de árvores desses que a gente pisa no chão. Palhas de milho, normalmente destinadas a alimento do gado. Sementes de açaí, guatambu, guapuruvu, piriquti. Coisas da natureza a que a gente não dá muita atenção, porque "não prestam para nada mesmo".

Ralos de esgoto. Canudinhos de refrigerante, bolinhas de borracha, barbantes. Papéis à toa, papelões grosseiros, plásticos. Mangueira de gasolina. Pratos de duralex, coadores de plástico. Todos baratos, por serem produzidos industrialmente em altas séries.

Ou materiais já usados, das tampinhas de refrigerantes às embalagens variadas, como os vidros das garrafas de vinho, as latas de cerveja, as garrafas de PET, o tetrapack do leite longa vida.

Se não foi possível transformar chumbo em ouro, como queriam os alquimistas alguns séculos atrás, muitos designers brasileiros hoje exercem outro tipo de transformação. Visionários, e contando basicamente com a inteligência de projeto, eles são capazes de extrair a qualidade poética de materiais banais para compor com eles objetos úteis e expressivos.

Quando a designer Daniela Moreau mostra as delicadas e coloridas mantas que produz artesanalmente com PET reciclado, a reação é uma só: incredulidade. Afinal, como acreditar que garrafas de refrigerante usadas, dessas que se amontoam aos milhares nos lixões e entopem os bueiros, possam se transformar num tecido tão bonito e macio, com uma textura tão agradável ao toque?

Comum a todos eles, o resultado estético obtido por algum tipo de diálogo – seja entre um material e seu oposto, seja entre uma técnica e/ou um olhar tradicional e outro contemporâneo. Renato Imbroisi associa cascas de imbirã e de eucalipto, galhos e pedras encontrados no chão das roças do sul de Minas, onde trabalha, a fios sintéticos e naturais, nos sofisticados tecidos e cestos que produz.

Em seus vestidos e acessórios, Lino Villaventura vê com o mesmo valor os ricos tafetãs e brocados importados e a palha de buri, o couro de bode, os pedacinhos de plástico, o papel resinado e as rendas feitas pelas mulheres do Ceará, onde vive. Chiquerrimo! Mas nem o Lino, que nasceu no Pará, tinha reparado na beleza das sementes de açaí até vê-las usadas em jóias pela carioca Tereza Xavier, que mistura com rara maestria açaí e ouro, semente de tento da Amazônia e contas de cristais de Murano.

### Subversões

No campo dos objetos para casa, ninguém levou o raciocínio da mistura e da alquimia tão longe quanto os irmãos Campana. Entre os inusitados materiais com os quais trabalham, estão o papelão ondulado, os barbantes de algodão, o plástico bolha, os espaguetes de borracha. Uma de suas práticas constantes é subverter a função original de materiais e componentes industriais. Quer maior exemplo do que uma mesa de refeição com tampo de ralo de esgoto? A subversão é poesia pura, pois ao ver a mesa a gente não fica se lembrando do esgoto, e sim reparando o interessante padrão de arabescos criado pelo ralo.



Vista parcial da exposição Novos Alquimistas  
Itaú Cultural, 1999  
Mantas de Daniela Moreau  
Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural



**Humberto e Fernando Campana**  
*Ralos*  
Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural

**Tereza Xavier**  
*Jóias*  
Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural

**Lino Villaventura**  
*Túnica de tule elástico e escamas de peixe*  
Foto Sílvia Boriello





Vista parcial da exposição Novos Alquimistas  
Itaú Cultural, 1999  
Obras de Renato Imbroisi  
Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural

A gênese pouco ortodoxa dos componentes não é escondida nem maquiada pelos designers. Não querem, tampouco, fazer desse uso uma "curiosidade", um "exotismo". É preciso olhar algumas vezes para reconhecer as garrafas azuis de vinho alemão nas luminárias *Eletra* e *Babel*, de Julio Sannazzaro. "Mas onde?", a gente se pergunta. E no entanto elas estão ali, "na cara".

Pegar componentes pré-fabricados ou partes deles, originalmente projetados para uma função, e dar-lhes outra totalmente diferente, muitas vezes permite acrescentar humor ao objeto. É o que se vê, por exemplo, na luminária *OVNI*, que o pernambucano Maurício Castro, o paulista Eduardo Alves Jorge e o espanhol Imanol Ossa criaram para um restaurante de Barcelona, misturando pratos duralex e coador de plástico.

Bem-humorados são também os projetos de Valter Bahcivanji. Argolas de plástico flexível usadas pela indústria de brinquedos transformam-se em parte de um tapete de banheiro; um balde metálico para água é virado de cabeça para baixo e passa a ser um banquinho; um banal utensílio de cozinha compõe uma luminária.

Um dos designers que mais entraram nesse mundo é o paulista Flávio Verdini. Foi ele que, no início dos anos 90, viu num tambor de máquina de lavar jogado numa esquina um mundo de possibilidades e fez com ele um conhecido pufe, que se tornou quase um emblema da reciclagem no design. Verdini diz que gosta de trabalhar com elementos que façam parte de uma "história-passada". "Isso dá ao meu produto uma história longa, uma história anterior, quase uma reencarnação. Meu objetivo é, através de uma atividade lúdica de observação, estimular associações mentais nas pessoas e com isso estimular sua memória", diz ele.

O *Criado-Lata*, gaveteiro com projeto dele em conjunto com Sandro Verdini e Julio Sannazzaro, escolhido para figurar nesta exposição, usa uma lata de tinta para compor a gaveta e traz uma novidade: o material colorido da tampa da gaveta é um reciclado do tetrapack das embalagens de leite longa vida, considerado um dos vilões do meio ambiente.

### Prática antiga

A atitude desses designers ao usar materiais desvalorizados e reciclá-los, esclareça-se, não é nova. Muito antes de a palavra reciclagem ser incorporada ao vocabulário corrente e à pauta de preocupações dos governos, a população brasileira já vinha transformando o que é considerado lixo industrial, dando-lhe novos usos e nova vida.

Embora esteja em perfeita sintonia com os preceitos ecológicos atuais, esse comportamento foi movido não por eles, e sim pela necessidade de driblar a miséria e a falta de acesso aos bens da sociedade de consumo. Assim, mãos engenhosas transformam latas velhas e sucatas variadas em bules, bacias, brinquedos, canecas, floreiras, lamparinas. Lina Bo Bardi foi uma das primeiras a chamar a atenção publicamente para a beleza de seu desenho limpo e preciso.

Para representar esse fazer anônimo, mas não por isso menos rico ou expressivo, trouxemos para a exposição dois objetos bem recentes. Os cinzeiros feitos de latas de refrigerante, com dobraduras que lembram um origami, são um exemplo do artesanato urbano atual, vendidos em lugares de grande afluxo de pessoas como o Largo da Batata e o Largo 13 de Maio, em São Paulo. O carrinho de PET, comprado no centro de João Pessoa, Paraíba, encanta por sua engenhosidade e pela semântica que devora e junta no mesmo objeto as marcas rivais da Coca-Cola e Antarctica – e isso antes da AmBey! Ambos feitos não "para inglês ver", mas para consumo de pessoas da mesma classe social dos artesãos.

“O povo brasileiro desenvolve um elenco de idéias, de formas, a partir da pobreza. O cara da favela faz a sua casa com uma *assemblage* de vários materiais”, diz Fernando Campana. Humberto acrescenta: “Fazer com todas as limitações, essa é a nossa busca. Trazer da matéria-prima mais esquecida algo novo, dar-lhe uma nova função, é algo que o povo brasileiro sempre fez e nós também estamos fazendo”. Daniela Moreau diz que a sua “mestra da reciclagem” foi a avó materna, capaz de “aproveitar tudo, pegar um lençol puído e transformá-lo num vestido de criança”. Nido Campolongo se lembra da mãe pegando restos de papel da tipografia do pai para pacientemente fazer “rolinhos” com as mãos – os mesmos que hoje ele faz, numa linguagem contemporânea.

### **Cultura Kleenex**

Se as pessoas pobres e as pessoas criativas sempre reciclaram, o design erudito voltou as costas para essa prática, no compasso de um modelo de desenvolvimento industrial capitalista que se baseia no estímulo ao consumo exacerbado e sem limites. Entramos no que o designer Victor Papanek, pioneiro do movimento ecológico nos Estados Unidos, chamou já nos anos 60 de “cultura Kleenex”, o império do “use e jogue fora”. Nesse tipo de progresso almejado pela sociedade industrial, a geração de lixo atingiu proporções gigantescas. O lixo é, na verdade, o único recurso em crescimento no planeta, como tem alertado o pensador norte-americano Buckminster Fuller nas últimas décadas.

Os hippies foram os primeiros a contestar o consumo desenfreado, ainda nos anos 60. Mas foi só no fim dos anos 80, com o agravamento da crise ambiental, que o debate sobre a necessidade de criação de uma nova geração de produtos começou a chegar ao design, gerando uma cultura alternativa de produtos “concebidos, produzidos e utilizáveis com simplicidade”, como define o curador alemão Volker Albus no catálogo de Simplicidade Consciente, uma exposição que estreou em Stuttgart em 1998 e veio neste ano para o Museu da Casa Brasileira, em São Paulo.

Esse movimento ganhou impulso no início da década de 90, com a queda do Muro de Berlim, quando os moradores do lado oriental invadiram as gôndolas dos supermercados na parte ocidental com voracidade proporcional aos anos de escassez. Os designers ocidentais reagiram com ironia a essa febre, e começaram a produzir objetos que contestam a idéia de progresso nela embutida.

Num contraponto à exacerbada glorificação da tecnologia que temos visto ultimamente, começaram a se apropriar de materiais e processos *low tech* para fazer coisas de grande sofisticação formal, mostrando que, afinal, “a tecnologia não é tudo”. Esse movimento ganhou grande expressão em países como a Inglaterra, a França e a Holanda.

Reciclar, re-usar, recontextualizar passaram a estar em nosso dia-a-dia, e não só no mundo dos objetos. O design gráfico mudou com o escaneamento e a distorção das imagens, permitidos pelo computador. Na moda, desde os grunges, a fonte de inspiração, mesmo para a alta-costura, foi para as ruas. O sampler está muito presente no universo do pop, e outros movimentos musicais se valem do reaproveitamento de elementos da cultura tradicional local ou de outros mundos. Não existe mais a ditadura do “bom gosto”, em nenhum domínio. A re-circulação da informação, das formas, dos sons marca o nosso cotidiano.

e de obje-  
turas e nos  
rafa de vi-  
ória-prima  
da lumina-  
ria Eletro  
gato, 1996).

Julio Sannazzaro  
peças feitas de garrafas de vinho  
Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural





Elizabeth e Edu Prado

Bowl *Gotas*

Foto Divulgação

Maurício Castro

Luminária *OVNI*

Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural

Valter Bahcivanji

Luminária *1 Kiluz*

Foto Carlos Piratininga

Anônimo

Carro feito com garrafas PET

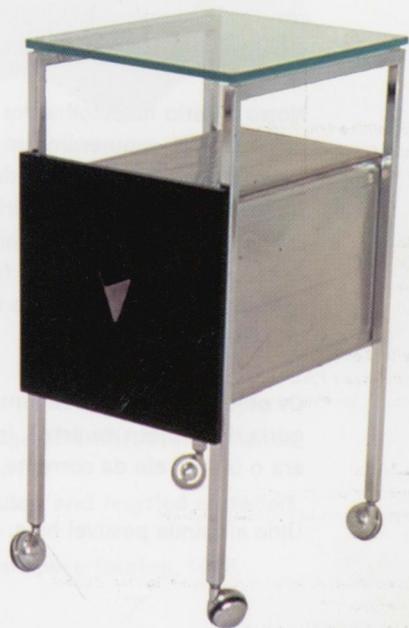
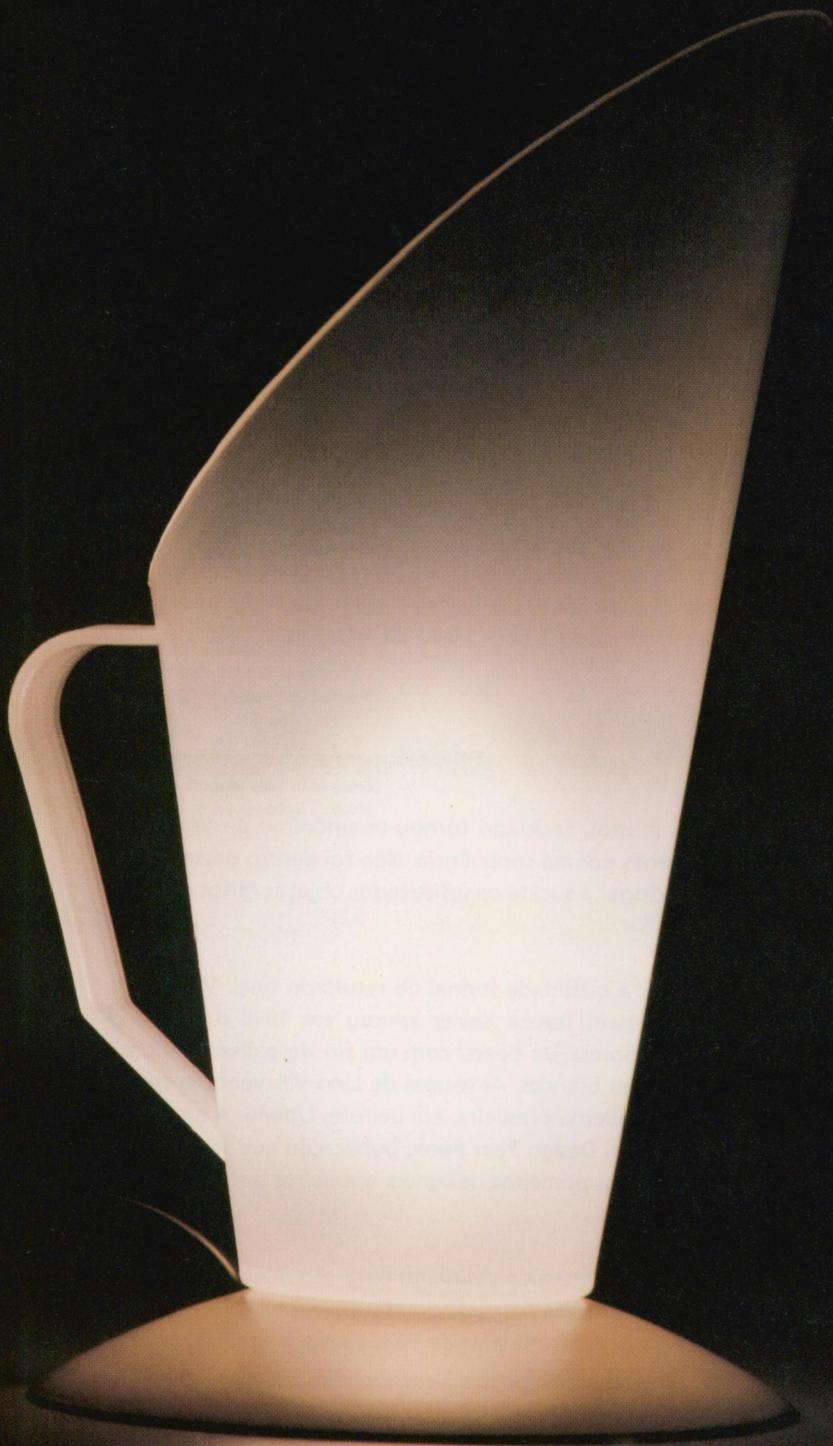
Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural

Flávio Verdini, Julio Sannazzaro e Sandro Verdini

*Criado-lata*

Foto coleção Flávio Verdini





## Ética e estética

No campo dos objetos, não importam as nuances de cada país, em comum há o questionamento do tipo de progresso adotado pela sociedade industrial. Ao elaborar projetos com uma crítica a esse progresso, os designers estão integrando o exercício da profissão ao exercício da cidadania. Frequentemente seus trabalhos expressam uma concepção de um mundo não só com maior equilíbrio no meio ambiente mas também com maior harmonia entre os homens.

Por acreditar que a palavra consumidor limita muito as possibilidades de relação entre as pessoas e os objetos, Flávio Verdini chama de "cidadão-usuário" o cliente de seus produtos. Ele quer estimular nesses cidadãos uma reflexão sobre o consumo. A ação de vários desses designers denota um compromisso com algo maior, que transcende o trabalho em si.

Nido Campolongo ocupa o que ele chama de "mão-de-obra rejeitada", como presidiários do Carandiru e meninos de rua, em seus incríveis objetos feitos de papel. Renato Imbroisi conseguiu reverter uma onda migratória do campo para a cidade nos lugarejos do interior de Minas Gerais, onde hoje cerca de 120 pessoas trabalham para ele. Daniela Moreau quer estimular não só o emprego mas também a criatividade dos tecelões no município de Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo, onde estão seus teares. Não são atitudes assistencialistas, mas que se inscrevem dentro da nova visão da articulação da sociedade brasileira no terceiro setor.

## Do cotidiano para a arte

Boas causas, contudo, não são suficientes para fazer bom design. Para muitos, reciclado tornou-se sinônimo de um visual pobre, "alternativo", no mau sentido da palavra, que a gente compra apenas por má consciência. Não foi dentro desse espectro que fizemos a seleção para esta exposição. Não ocorre a ninguém relacionar à sucata os sofisticados objetos feitos por Edu e Beth Prado a partir de cacos de vidro, por exemplo.

Nosso critério na escolha dos participantes da exposição foi, acima de tudo, a qualidade formal do resultado final. Vários dos escolhidos já expuseram em museus e galerias de arte dentro e fora do país. Tereza Xavier venceu em 1998 o Diamond International Awards, considerado o Oscar da joalheria, promovido pela empresa De Beers, com um fio de palha de arumã trançada pelos índios waimiri-atroari, de Roraima, salpicado com 57 diamantes brancos. As roupas de Lino Villaventura estiveram numa exposição de Wearable Art em Düsseldorf, Alemanha, e de arte moderna brasileira, em Beirute, Líbano. A luminária *Eletra*, de Julio Sannazzaro, foi escolhida em 1997 para figurar no International Design Year Book, publicação que seleciona as melhores peças de cada ano em todo o mundo. Já os irmãos Campana foram os primeiros designers brasileiros a merecer uma individual no MoMA.

Os objetos escolhidos circunscrevem, assim, um circuito peculiar: saem do mais prosaico cotidiano para serem alçados à categoria de "objeto de arte". Invertem o curso natural da sociedade de consumo. Nas palavras de Maurício Castro, o lixo, que era o último elo da corrente, "elemento de máxima repugnância", é agora o ponto de partida para a criação de algo novo.

Uma alquimia possível hoje, nem por isso menos mágica ou bela do que aquela sonhada há tanto tempo.



**Neco**  
Avião feito de latas de alumínio  
Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural

**Anônimo**  
Cinzeiro feito com latas de alumínio  
Foto Antonio Saggese/Itaú Cultural



## Bibliografia

CONSCIOUS, simple; Consciously simple; The emergence of an alternative product culture. Stuttgart : Institut für Auslandsbeziehungen Ausstellungen, 1998.

PAPANEK, Victor. The birth of a new aesthetic. In: REFUSE; Good everyday design from reused and recycled materials. Miami : Arango Design Foundation, 1996.

RECYCLING; Forms for the next century; Austerity for posterity. Birmingham (Grã-Bretanha). Craftspace Touring, 1996.

## LEGENDAS DA EXPOSIÇÃO NOVOS ALQUIMISTAS

### Anônimo

Um símbolo da engenhosidade anônima do povo brasileiro: a garrafa de refrigerante usada de PET (polietileno tereftalato) transforma-se num instigante carrinho. O artesão não descuidou sequer da programação visual, que junta e devora ícones de corporações rivais. O brinquedo é vendido ocasionalmente nas ruas do centro de João Pessoa, na Paraíba.

### Daniela Moreau/Baobá

Mantas feitas de fio de PET pós-reciclado nas cores originais das garrafas usadas. Retiradas dos lixões, as garrafas são higienizadas e convertidas sucessivamente em flocos, fibras e fios, processos que ocorrem em diferentes indústrias e cidades. Os fios são tecidos manualmente por um grupo de tecelões no interior de São Paulo, coordenados pela historiadora, tecelã e pesquisadora das tradições artesanais Daniela Moreau.

### Lino Villaventura

Em suas roupas e acessórios, Lino Villaventura faz um ousado jogo entre as formas e as tramas e texturas. Ele emprega não só veludo, seda, tafetá e brocado, mas também palha de buriti, borracha, canudinho de refrigerante, bolinhas de borracha, barbante, couro de bode, papel resinado e escamas de peixe. Lino vai muito além do estilismo e é um exemplo de verdadeira criação no campo da moda brasileira. Ele domina as cores, utilizadas em profusão, mas com extrema sabedoria. São apresentados na exposição túnica (1999) de tule elástico verde e escamas de peixe desidratadas; vestido (1996) em patchwork bordado com barbante tinturado, com palas e mangas em renda filé; vestido (1996) com barbante, canutilhos de cristal checo e palha de buriti pintado à mão em tons dourados.

### Tereza Xavier

A carioca Tereza Xavier não se preocupa com o valor intrínseco dos materiais, mas brinca com eles com liberdade, juntando indistintamente em suas jóias pedras preciosas e semipreciosas, ouro, prata, sândalo, sementes variadas (tento, piriquireti, açai, etc.) e palha de arumã trançada pelos índios waimiri-atroari de Roraima. Em 1998, ela venceu o Diamond International Awards, um importante concurso internacional, com um fio de palha salpicado com diamantes brancos.

### Renato Imbroisi

O tecelão Renato Imbroisi é um mestre dos tecidos e cestos artesanais. Utiliza fios naturais e sintéticos, fiados à mão ou industrializados, misturados a palhas, galhos e detalhes inesperados como gravetos, avencas, palhas de milho e taboas, presentes nesses panos de 1991. A produção é feita em Muquém e São José do Mato Dentro, dois povoados do sul de Minas Gerais, seguindo técnicas tradicionais. A linguagem é contemporânea e resulta de um diálogo entre o forasteiro Renato e os moradores.

### Nido Campolongo

Filho de tipógrafo, Nido Campolongo fez do papel a sua única matéria-prima. O adjetivo não dá conta da enorme diversidade de tipos com os quais ele trabalha - dos mais finos papéis artesanais aos grossos papelões. Com eles, faz tecidos, forros, pisos, cortinas, esculturas, bolsas, roupas, luminárias, cestos e uma infinidade de objetos. Sempre que possível, usa material reciclado, como nos canudinhos de papéis coloridos de revistas, recortados em triângulos e enrolados à mão. Recebem uma releitura contemporânea no tecido empregado nas bolsas (1999, criadas em conjunto com Doroty Campolongo e Alexandra Santos) e na cortina. No tecido para forro (1999) usou papelão ondulado e papel industrial reciclado parafinado, montado artesanalmente.

### Eduardo e Elizabeth Prado

O casal Prado vem se destacando no design de vidro no Brasil desde 1990, fazendo pratos, luminárias e objetos com formas simples e elegantes. O bowl *Gotas* (1995), um dos modelos mais conhecidos, é feito com cacos de vidro reciclado aglutinados em forno elétrico de fusão numa temperatura justa para manter a aparência dos grãos e não se uniformizar. Em seu trabalho, Edu e Beth usam sem medo as cores fortes e exploram plenamente as possibilidades de texturas e de vazados.

### Humberto e Fernando Campana

A originalidade é o fio condutor da trajetória iniciada em 1989 pelos irmãos Campana. Eles buscaram nos materiais desvalorizados, pobres, e nos componentes pré-fabricados, a matéria-prima para um trabalho marcado pela intensa experimentação. Uma prática constante é subverter a função original de componentes pré-fabricados, dando-lhes novos usos, como se pode ver na mesa *Ralos* (1999), protótipo para Fontana Arte, Itália, com tampo de ralos de PVC, originalmente usados para drenagem de água, e pés de aço inox.

### Julio Sannazzaro

Começou como escultor, reaproveitando toda sorte de objetos encontrados nas ruas. Dali foi um passo para o design, área em que manteve a prática de transferir um objeto de um uso para outro. Nos quatro produtos apresentados na exposição, usou garrafas azuis de vinho. Dissecando uma garrafa de baixo para cima, temos a matéria-prima do cinzeiro *Ita* (base da garrafa, 1996), da luminária *Babel* (1997), da luminária *Eletra* (1995) e do castiçal *Lim* (retirado do gargalo, 1996).

**Flávio Verdini, Julio Sannazzaro, Sandro Verdini**

Esse grupo de designers foi o primeiro a propor a realização de uma verdadeira “arqueologia urbana” nas cidades, para extrair das sobras das ruas e dos produtos rejeitados pela sociedade sua matéria-prima. No *Criado-Lata* (1996), foi usada lata de folha-de-flandres de 18 litros. O tampo da gaveta pode ser de MDF tingido de preto ou de aglomerado tetrapack, um material novo e ainda em experimentação, feito com embalagens longa vida pós-uso. A chapa de tetrapack estampa os resquícios das embalagens originais.

**Maurício Castro, Eduardo Jorge, Imanol Ossa**

Com diferentes percursos, mas ligados todos às experiências de reciclagem em artes plásticas, o paulista Eduardo, o espanhol Imanol e o pernambucano Maurício fizeram essas luminárias para um restaurante de Barcelona. A *OVNI*, modelo de mesa, usa pratos de plástico, peneira e mangueira de gasolina; a *Platos Combinados* é uma luminária de teto feita com pratos duralex, coador chinês e estrutura metálica. Ambas incorporam o humor na linguagem.

**Valter Bahcivanji**

Depois de atuar como designer industrial em grandes empresas, desde o início dos anos 90 Valter Bahcivanji dedica-se a produzir seus próprios projetos, perseguindo a idéia de fazer peças baratas, acessíveis. A luminária *1 Kiluz*, de 1999, usa conchas destinadas à pesagem de alimentos, feitas de polipropileno, um material que proporciona boa difusão de luz e conforto visual, e base de chapa metálica.

**Anônimo**

Um caso exemplar de “artesanato urbano”, o cinzeiro feito de latas de refrigerante e cerveja lembra um delicado origami em suas dobraduras. É feito por crianças e vendido nos cruzamentos das ruas de São Paulo ou nos pontos de ônibus de terminais movimentados.

**Neco**

Aviões feitos de latas de alumínio, vendidos na praia de Ipanema, Rio de Janeiro.